



# SUSTENTABILIDADE

## Agricultores que pouparem água serão premiados

Numa década, o uso de água na agricultura foi reduzido em cerca de 33% ao mesmo tempo que a produtividade das explorações regadas subiu mais de 30%. A eficiência deu passos importantes e quem continuar o caminho será recompensado no próximo quadro comunitário de apoio

**Agricultura e florestas**  
Ana Fernandes

Sol na eira e chuva no nabal - o velho provérbio já há muito se concretizou, contornando as barreiras que o clima impõe a Portugal: quando as plantas têm melhores condições para crescer, devido ao sol e temperatura, não chove; quando a água é abundante, não há calor nem radiação solar que as convença a despontar. Com os projectos de regadio, os agricultores trocaram as voltas ao fado e fizeram chover no estio. Mas a torneira abriu-se vezes de mais, mesmo quando não era necessário - uma enxurrada que começou a estancar há pouco mais de uma década e que hoje já caminha para que se criem prémios de excelência para os mais eficientes.

Foi um longo caminho e está longe de ter terminado, mas Portugal já figura entre os países onde melhor se dominam as técnicas de rega, asseguram investigadores e regantes. E quem o faz bem deve ser premiado, considera o Governo. É a razão pela qual, no novo Plano de Desenvolvimento Rural, estará prevista uma medida, no âmbito das agro-ambientais, de apoio financeiro para quem rega com mais eficiência, uma espécie de certificação de que o agricultor usa a água da melhor forma.

Mas como chegámos até aqui? O certo é que até há 15-20 anos, abria-se a torneira e lá ia água. A gestão era feita a olho - "parece seco, encharque-se". Assim foi durante dé-

cadadas, qualquer que fosse o sistema de rega. As caldeiras em volta das árvores empapavam, as regadeiras eram generosas na distribuição do líquido. Mesmo os *pivots*, quando começaram a surgir, eram usados de igual forma - ligava-se até que a terra parecesse satisfeita.

Mas foi o aparecimento destas estranhas articulações - que na paisagem se assemelham a pontes suspensas - que mudou radicalmente a utilização da água na agricultura. Uma aposta que começou no milho,

**Através de sensores no solo que medem a quantidade de água que a terra armazena, de estações meteorológicas e do cruzamento destes dados com outros sobre o tipo de solo, a data da plantação e o equipamento de rega, o agricultor sabe quando e como deve regar**

mas que rapidamente se espalhou a outras culturas.

A mudança era imperiosa. A agricultura é, de longe, o maior sorvedouro de água, pois gasta entre 75 e 80% do volume consumido no país. Tão enorme consumo é associado a desperdício, uma acusação que tinha muita razão de ser. Mesmo sabendo-se que as críticas por vezes assentavam no desconhecimento de que o país utiliza apenas 20% dos recursos hídricos que tem disponíveis, não deixava de ser socialmente inaceitável que a abundância justificasse o desperdício, uma verdade ainda mais inquestionável em tempos de seca, que afectam ciclicamente o país, em que a distribuição de água acaba por obrigar a um rateio entre os vários usos.

Mas para quem rega todos os dias, um outro problema acrescia: a quantidade de gente, de sachinho em punho, que era necessária para abrir e fechar regos, um trabalho de uma imensa paciência e de uma enorme voracidade de horas. Não havia competitividade que aguentasse tais custos.

### A revolução dos *pivots*

Até que começaram a surgir os *pivots*. "Portugal acordou para o que podia fazer com a água", descreve Francisco Gomes da Silva, secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, e que dedicou boa parte da sua carreira de investigador ao regadio.

"A gestão da água tornou-se mais



eficiente, começou-se a utilizar melhor tecnologia e os agricultores aprenderam a usar mais eficazmente o recurso", sintetiza José Núnzio, presidente da Federação Nacional dos Regantes (Fenareg).

O certo é que, há pouco mais de dez anos, o desperdício de água na agricultura rondava os 40%. Agora, a ineficiência já baixou para os 37% e o objectivo, traçado no Plano Nacional para o Uso Eficiente da Água, é que, até 2020, as perdas não passem dos 35%. Porém, salvaguarda José Núnzio, "também não se pode dizer que toda a água é perdida, pois esta recarrega os aquíferos ou alimenta as linhas de água".

Segundo Gomes da Silva, a agricultura de regadio, ao longo da última década, "reduziu o volume global de água utilizada em cerca de 33%, ao mesmo tempo que a produtividade económica da água de rega subia mais do que 30%".

Como? Antes de mais, graças à tecnologia. Hoje, os regantes não usam apenas melhores equipamentos, usam informação que lhes diz como fazer. Através de sensores no solo que medem a quantidade de água que a terra nesse momento armazena, de estações meteorológicas que informam sobre o clima

e do cruzamento destes dados com outros sobre o tipo de solo, a data da sementeira ou plantação e o equipamento de rega, o agricultor é informado sobre quando e como deve regar.

São informações que fazem toda a diferença: "Antes olhava-se para um solo gretado e regava-se. Hoje, com a ajuda das sondas, sabe-se que nem sempre um solo gretado significa que as raízes não têm água, pois tudo depende da profundidade a que esta está", explica Gomes da Silva.

Nos aparelhos de rega está outra das respostas na busca de eficiência: muitas culturas, como os pomares, o olival, a vinha, as hortícolas, algum milho e produtos como o tomate, o pimento ou a *courgette* para indústria já usam a técnica mais eficiente de todas - a gota-a-gota ou microaspersão. Com estes equipamentos, a água corre por tubinhos e é fornecida à planta cirurgicamente, à medida das necessidades. Serão gastos nestas culturas entre 2000 e 3000 metros cúbicos por hectare.

A aspersão, protagonizada pelos *pivots* ou canhões, continuou o seu caminho, conquistando territórios e culturas. O milho, o sorgo, os pastos e as forragens são os grandes utilizadores desta técnica. Gastarão entre 6000



RUI GAUDÊNCIO

**A aposta no regadio tem sido apontada pelo Governo como uma prioridade para tornar a agricultura nacional mais competitiva**

público (excluindo Alqueva) não é usada. Há vários casos que ilustram esta situação. O perímetro de rega do Mira inclui solos pouco interessantes para a actividade agrícola. Mas um dos exemplos mais ilustrativos é o do Roxo, em que a albufeira servia apenas os piores solos quando, a montante, estavam terras excelentes. Por isso, pouco era utilizada até que a ligação a Alqueva permitiu que solos como os de Aljustrel começassem a receber água.

Porém, defende José Núncio, estes terrenos mais pobres não deveriam, pura e simplesmente, ser abandonados: “Podem ser utilizados para floresta, beneficiando da existência de água, não para a regar, mas para a usar cirurgicamente de modo a aumentar a produtividade”. As espécies de crescimento rápido seriam as óbvias escolhas, mas há outras espécies com que se poderiam fazer experiências. Uma seria o sobreiro, para perceber até que ponto a rega pode retirar anos à espera pela cortiça. Ou os salgueiros, choupos ou freixos, destinados a biomassa.

Chegados aqui, é caso para festejar? Ainda não. Resta muito por fazer para se conseguir atingir a eficiência desejada. Segundo contas do secretário de Estado, não será exagerar dizer que metade dos agricultores ainda rega mal. É certo que ocupam apenas 20% da área agrícola, mas é um campo que tem de ser trabalhado.

Melhores técnicas, manutenção dos equipamentos de rega ou pesquisa de plantas menos exigentes de água permitirão atingir uma maior eficiência, algo que é atingível, considera Gomes da Silva, que aponta para poupanças de 30% em dez anos.

**Regadio é para continuar**

Assim como há ideias alternativas: no Sorraia, a associação de regantes avaliou a possibilidade de utilizar a água das estações de tratamento de águas residuais, para concluir que é viável. “Implicaria muita burocracia, pois são licenciamentos complicados, e exigiria que, caso houvesse um problema na ETAR, o sistema fosse imediatamente bloqueado, mas não é impossível - em Espanha fazem-no”, diz José Núncio.

O certo é que, por mais que a Europa tenha dificuldade em entender, o regadio é para continuar e mesmo aumentar em Portugal. É essa a aposta política, que tem sido difícil de defender junto de Bruxelas, que não percebe as condicionantes do clima mediterrânico. As discussões sobre os fundos para a agricultura do próximo

**SÉRIE ESPECIAL PORTUGAL UM PAÍS SUSTENTÁVEL**



quadro comunitário de apoio tiveram de ultrapassar as dúvidas levantadas pelas instâncias europeias perante a convicção do Governo de que esta é a fórmula certa para aumentar a competitividade do sector no país.

Será uma aposta correcta? “A produção agrícola em regadio português permite a existência de externalidades positivas. Comparativamente aos cenários alternativos (importação ou sequeiro), a produção em regadio português apresenta produtividades mais elevadas, permitindo uma libertação de área que idealmente poderá ser usada para conservação da natureza”, lê-se num estudo do Instituto Superior Técnico sobre as externalidades do regadio.

Quanto “a questões associadas ao uso intensivo de fertilizantes, não são assinalados problemas generalizados de poluição potencial das massas de água. Em contraposição com a agricultura de sequeiro, o maior controlo dos períodos de rega, associado a uma correcta gestão, pode permitir também uma diminuição da lixiviação. Em termos de utilização de água, para um ano médio, a escassez de água não constitui um problema. Contudo, o mesmo não é verdade para ano seco”, alertam os investigadores.

As negociações com Bruxelas não terminaram, aguardando-se agora o acordo de parcerias proposto por Portugal que passa por usar dinheiro de outros fundos – como o do desenvolvimento regional – para financiar algumas destas obras. É o caso de Alqueva, que o Governo defende poder ser pago com os fundos estruturais – ainda faltam 300 milhões de euros para a sua conclusão.

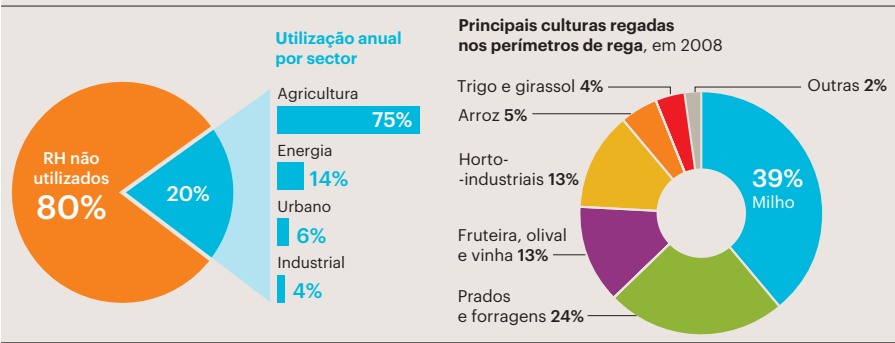
O Mondego, Óbidos e alguns pequenos regadios são outros dos projectos à espera de luz verde sobre o seu financiamento.

Enquanto isso, o regadio tem de continuar a ser cada vez mais eficiente: “Vamos activar o Conselho Nacional do Regadio, onde se vai discutir o regime jurídico dos aproveitamentos hidroagrícolas, que é muito antigo, e tem de se lançar a discussão sobre o preço da água”, anuncia Gomes da Silva. Certa já é a recompensação financeira para os que regam bem: “Começa a justificar-se que não possa regar quem quer, mas quem sabe”, tem defendido o governante.

Esta série tem o apoio de



**Utilização de água na agricultura**



Fonte: DGADR, FENAREG

PÚBLICO

e 7000 metros cúbicos por hectare.

Finalmente, o alagamento. Utilizada sobretudo no arroz, é das que mais obrigam ao consumo de água, mas esta cultura necessita que assim seja, uma vez que a água não é apenas utilizada para matar a sede às plantas, mas também como termo-regulador e para combater as infestantes, explica José Núncio. O consumo sobe para os 12 mil metros cúbicos por hectare.

Segundo o presidente da Fenareg,

fazendo-se as contas ao consumo de água pela agricultura no país, conclui-se que o que chove dá para os gastos. “O que o regadio faz é diferir no tempo essa utilização, através do armazenamento de água nos empreendimentos hidro-agrícolas”, adianta.

**Abandono de terras pobres**

Mas, além da tecnologia, um outro factor contribuiu para o aumento da eficiência da utilização de água na agricultura: o abandono de terras

regadas com pouco potencial produtivo. “Historicamente, as barragens eram instaladas nos locais mais altos dos cursos de água para permitir que a água circulasse por gravidade por canais a céu aberto. Portanto, o perímetro de rega era delimitado apenas com um critério: até onde chegava a água, em vez de ser pela qualidade dos solos, pois alguns deles não interessavam para regadio”, diz Gomes da Silva.

Hoje, 30 a 40% da área de regadio



## Agricultores que pouparem água serão premiados

Medida está prevista no  
Plano de Desenvolvimento  
Regional **p26/27**